



DANÇA DE SALÃO COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: DA RESISTÊNCIA À MOTIVAÇÃO

Jamile Dal-Cin¹
Neusa Dendena Kleinubing²

PALAVRAS-CHAVE: Dança de salão; Educação Física; Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

A maior parte das escolas adotam para as aulas de Educação Física (EF), quase que exclusivamente os esportes e, muitas vezes, limitam-se às quatro modalidades mais populares: vôlei, futebol, basquete e handebol. A dança enquanto conteúdo das aulas de EF na escola na maioria das vezes é “esquecida”, e lembrada somente em datas comemorativas ou como atividades extracurriculares, como apontam em seus estudos as autoras Brasileiro (2003) e Marques (2005).

Com o objetivo de analisar as possibilidades de ensino-aprendizagem da dança de salão, propomos um plano de intervenção para turmas do ensino médio, que foi desenvolvido durante nosso estágio supervisionado, onde a estrutura do plano ofereceu aos alunos a possibilidade de apresentarem seus conhecimentos prévios dos ritmos de dança de salão que seriam trabalhados. Para Tortola e Lara (2009) esse conteúdo deve ser aprendido na escola porque proporciona a vivência de diversas habilidades de movimento e formas de expressão, e principalmente por nos conduzir a diversidades culturais e a possibilidade de identificar características de uma civilização.

A metodologia desta pesquisa seguiu a perspectiva da pesquisa-ação, como proposta por Thiollent (2007). Segundo o autor neste tipo de pesquisa “os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função do problema” (p. 17).

Os colaboradores deste estudo foram os alunos das turmas 301 e 302 do ensino médio de uma escola da rede estadual de ensino localizada na cidade de Chapecó-SC, onde foi desenvolvida a docência da disciplina Estágio V do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. Neste texto, os meninos estão identificados como M e as meninas como F, seguido por números com a finalidade de preservar a identidade dos alunos que participaram desta pesquisa.

Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram: 1) o plano de ação, composto por nove aulas, com danças gauchescas e tango, que foram escolhidas pelos alunos e, 2) o diário de campo para anotações, bem como para registros das falas dos alunos, em especial, na finalização das aulas quando estes tinham espaço para falar sobre a vivência e o aprendizado da aula. Para analisar os dados utilizamos a análise temática, que segundo Minayo (2008) consiste em desvendar os núcleos de sentido que integram uma comunicação, “cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” (p. 316).

RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nos últimos anos, as mídias sociais vêm ampliado os espaços de demonstrações de dança de salão, por exemplo, em programas de televisão onde há concursos destinados à escolha do casal que tem melhor desempenho em diferentes ritmos. Esses programas têm



incentivado pessoas a procurarem aulas de dança em academias e clubes, movidos pela ideia de que a dança de salão pode ser praticada por todos. Nisso nos perguntamos: já que a dança de salão desperta tanto interesse, por que não é trabalhada nas aulas de EF? Deveria ser objetivo desta disciplina oferecer práticas que, após encerrar a educação básica, os sujeitos pudessem desenvolver com autonomia em seus momentos de lazer. Esta é a questão que precisamos enfrentar em relação à dança e aos outros conteúdos no contexto da EF escolar: “apreender” diferentes práticas para usufruí-las com autonomia em nossa vida cotidiana.

Em um estudo realizado por Brasileiro (2003), alguns professores alegaram não trabalhar com dança na escola por causa do espaço físico limitado e a escola não possuir materiais. A autora questiona o fato de que da mesma forma que o espaço é limitado para as aulas de dança, muitas vezes a quadra, onde são realizadas as aulas de EF, possui uma estrutura indesejada para a prática dos esportes e, mesmo assim, não deixa de ser conteúdo das aulas. No estudo de Saraiva-Kunz (2003), a autora chegou a conclusões, afirmando que os professores falam da necessidade de se ter, na escola, um local adequado para as aulas de dança e disponibilidade de recursos financeiros.

Neste estudo, encontramos um cenário onde a escola não possuía espaço específico para aulas de dança, somente o ginásio, porém, não foi motivo para que não ocorresse as aulas. Nas aulas realizadas com a turma 301 não foi possível utilizar a quadra, pois havia outra turma com aulas de EF no mesmo horário, então, com a ajuda dos alunos, abríamos espaço entre as cadeiras e carteiras da sala de aula para a realização da dança de salão. Os alunos também apresentaram esta questão em suas falas, mas apesar do espaço físico pequeno foi possível fazer todos os passos. Já com a turma 302, tínhamos a possibilidade de utilizar o ginásio para as aulas, que foi muito aproveitado pelos alunos, já que não precisavam se preocupar se iriam pisar nos pés dos colegas, como acontecia nas aulas da turma 301.

Nas primeiras aulas os alunos demonstravam timidez e resistência para as atividades, porém com o desenrolar das aulas foi possível perceber o envolvimento e a mudança em seus comportamentos, como aponta o aluno M8: “No início a gente teve uma resistência por causa da timidez, e agora a gente se solta para dançar e não tem medo de pagar mico, ou que os outros deem risada de nós”. Vários alunos comentaram como a turma estava interagindo e participando das aulas, e também conversando mais uns com os outros. O aluno M2 disse que “As pessoas estão se envolvendo mais, o que torna as aulas cada vez mais divertidas”. Sua colega F2 argumentou: “Apesar da resistência que tivemos logo nas primeiras aulas, por ser dança de salão, é um conteúdo muito bom, pois há interação no grupo, principalmente entre meninas e meninos, ajuda na timidez, e não é impossível de ser trabalhado”.

Apesar da resistência do início, pode-se perceber a motivação para as aulas. Os meninos, principalmente, comentaram que “Não há mais aquela individualidade que existia antes de quem é o melhor”. E sobre o entrosamento da turma, o aluno M3 disse: “A turma está bem entrosada, e não tem mais aquela resistência que tiveram no primeiro dia, hoje nós chegamos já querendo dançar, só esperando a professora começar a aula”. A aluna F4 comenta: “Com essas aulas ocorreu um entrosamento entre os colegas, há mais comunicação, tanto nas aulas de Educação Física quanto nas outras também”. Assim, identificamos que, para estes alunos, as aulas de dança colaboraram para que se aproximassem entre si e construíssem outras formas de se relacionar, possibilitando “diferentes formas de estar-com-os-outros, geradoras de outras percepções com relação ao entorno” (KLEINUBING, 2009, p. 98).

A experiência deste trabalho revelou novamente que o argumento de que a dança é difícil de ser trabalhada na escola porque os alunos (principalmente os meninos) não gostam



de dançar não se sustenta. Como os alunos podem gostar de algo que não conhecem? Por isso a resistência inicial é compreensível e, como vimos, a partir do momento que conhecem e entendem passam a se sentir motivados e a perceber o quanto a dança pode ensinar sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados possibilitaram pensar que o conteúdo dança de salão apresenta muitas possibilidades de ensino-aprendizagem. Nesta pesquisa-ação, pode-se identificar um cenário em que a escola não possuía espaço físico adequado, porém, com algumas limitações, as aulas foram realizadas normalmente. Houve também a resistência dos alunos do início da intervenção, que, com o decorrer das aulas, foram se transformando em motivação para aprender cada vez mais. As falas dos alunos nos incentiva a pensar a dança como um espaço/tempo capaz de promover o respeito pelo outro e pelas diferentes formas de ser e estar no mundo, como aponta Saraiva-Kunz (2003). Ao dançar provoca-se a proximidade entre os sujeitos e, conseqüentemente, a troca entre as subjetividades, estimulando o compartilhamento de “seres” e saberes entre os jovens, contribuindo para a formação de sujeitos que compreendem melhor a si mesmo e aos outros.

REFERÊNCIAS

- BRASILEIRO, Livia Tenório. O conteúdo “dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar? *Revista Pensar a Prática*. Goiás. nº 6, jun 2003.
- KLEINUBING, Neusa Dendena. *A dança como espaço-tempo de intersubjetividades: possibilidade da educação física no ensino médio*. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MARQUES, Isabel. *Dançando na escola*. 2 ed. São Paulo: Cortez. 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11 ed. São Paulo, Hucitec: 2008.
- SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo. *Dança e Gênero na Escola: formas de ser e viver mediadas pela educação estética*. 2003. 411 f. Tese (Doutorado em Motricidade Humana na Especialidade Dança) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2003.
- TORTOLA, Eliane Regina; LARA, Larissa Michele. A dança de salão no contexto escolar: aspectos da pluralidade cultural. *Revista digital EFdeportes*. Buenos Aires. nº 133, jun/2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd133/a-danca-de-salao-no-contexto-escolar.htm>. Acesso em: 06 de março de 2015.
- THIOLLENT, Michael. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 15 ed. São Paulo, Cortez: 2007.

FINANCIAMENTO

Não contou com fonte de financiamento.

¹ Licenciada em Educação Física (Unochapecó). Aluna do Curso de Mestrado em Educação (PPGE/Unochapecó). jamilodalcin@unochapeco.edu.br

² Mestre em Educação Física – UFSC; Docente do curso de Educação Física da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. neusadk@unochapeco.edu.br